

MEIO SOCIOCULTURAL E LINGUAGEM

(Diferenças de linguagem entre crianças de meio urbano e de meio rural)

LÚCIA DA GRAÇA AMANTE (*)

LUCÍLIA CANDEIAS (*)

MARIA EMÍLIA O. SERRANO (*)

A nossa investigação teve por base um dos trabalhos experimentais de B. Bernstein, realizado no segundo período do desenvolvimento da sua teoria. Nessa situação experimental Bernstein apresentava a dois grupos de crianças de 5 anos (Classe média/Classe trabalhadora) uma história aos quadradinhos sem elementos linguísticos; pedindo posteriormente a cada criança que contasse uma história.

Embora utilizando material semelhante ao da investigação de Bernstein não procurámos reproduzir na íntegra esse trabalho, já que o nosso interesse recaiu na análise do discurso oral de crianças de meios socio-culturais diferentes (Meio rural/Meio urbano) e não sobre diferentes meios socio-económicos. Tal como a diferença de meios socio-económicos se pode reflectir no discurso dos sujeitos, pensamos que também as diferenças culturais poderão originar nas crianças diferentes formas de linguagem, consoante os meios culturais de que provêm.

MATERIAL

O material era idêntico ao utilizado por B. Bernstein: prancha de 4 quadrados em banda desenhado que reenviavam para uma sequência de situações possíveis de serem transformadas numa «história».

(*) Estudantes no ISPA.

PROCEDIMENTO

Face a esta prancha pedimos individualmente a cada criança dos dois diferentes grupos que nos contasse uma história. A «consigne» utilizada era a seguinte: «Olha tens aqui estes desenhos, queres olhar para eles e contar-me uma história?».

Todas as respostas foram gravadas e posteriormente transcritas na íntegra.

AMOSTRA

Foram recolhidas 22 histórias, onze contadas por crianças de meio rural (Baixo-Alentejo) e onze por crianças de meio urbano (Lisboa). Em ambos os casos as crianças eram provenientes de um meio socio-económico baixo/médio.

As idades estavam compreendidas entre os 9,0 e os 9,5 anos frequentando as crianças o 2.º ano da 2.ª fase, em escolas primárias oficiais.

TRATAMENTO DOS DADOS

Foram realizados dois tipos de análise:

- 1 — Análise gramatical do discurso
- 2 — Análise conceptual do discurso.

1) *Análise gramatical do discurso*

Consistiu na análise estatística das diferenças existentes entre os dois grupos, ao nível das categorias gramaticais (morfolo-

gia e sintaxe) utilizadas pelas crianças no seu discurso.

Baseadas no conteúdo gramatical das produções das crianças elaborámos para o efeito uma grelha de leitura dos protocolos. Estas categorias gramaticais são de dois tipos: simples (ex.: adjetivos) e compostas (ex.: pronomes — pessoais, possessivos, relativos...). Esta grelha incluía ainda, para além de várias categorias gramaticais parâmetros de outra natureza: número total de palavras utilizadas pela criança, número de pausas, número de frases inacabadas, modalidade de enunciação e modalidade de introdutores de narração.

2) *Análise conceptual do discurso*

Nesta análise procurámos verificar se existiam diferenças entre os dois grupos no que se refere aos conceitos utilizados.

Assim, considerámos um «esquema conceptual modelo», construído com base nos desenhos da prancha apresentada às crianças e no conteúdo conceptual do discurso por elas produzido.

Nesta análise eram considerados o número total de conceitos utilizados; o número total de conceitos-«chave» (conceitos que considerámos conterem o conteúdo principal da história); o número total de sub-conceitos (conceitos que reenviam para aspectos secundários da história); o número total de conceitos colaterais (conceitos extra-história).

Tanto os dados da análise gramatical como os dados da análise conceptual foram tratados através do teste não paramétrico de Mann-Whitney.

RESULTADOS

1) *Análise gramatical do discurso*

Os resultados obtidos nesta análise apontam para algumas diferenças significativas

estatisticamente, entre os dois tipos de discurso considerados. Estas diferenças registam-se nas seguintes categorias: *verbos*, *pronomes*, *orações*, *introdutores de narrações*.

No que se refere aos *verbos*, a forma verbal infinita aparece menos utilizada no discurso das crianças de meio rural do que no discurso das crianças de meio urbano (38,3% M. R. — 62,3% M. U.) A forma verbal gerúndio é utilizada exclusivamente pelas crianças do meio rural (34,2% M. R. — 0% M. U.).

Na categoria *pronomes* só se evidenciam diferenças ao nível dos pronomes relativos sendo estes utilizados com maior frequência pelas crianças de meio urbano (35,6% M. U. — 4,8% M. R.).

No que se refere às *orações*, obtiveram-se resultados significativamente diferentes ao nível das orações subordinadas relativas, como seria de esperar já que foram evidenciadas diferenças na utilização dos pronomes relativos; são pois as crianças do meio urbano as que utilizam mais frequentemente no seu discurso este tipo de orações (37,7% M. U. — 11,3% M. R.).

Também ao nível das orações coordenadas se registam diferenças, sendo igualmente o discurso do meio urbano que apresenta maior número de orações coordenadas (116,7% M. U. — 96,3 M. R.).

No que toca aos introdutores de narração, os resultados apontam significativamente para diferentes formas de iniciar a narração.

Assim, as crianças do grupo do meio urbano na sua totalidade iniciam a história utilizando o introdutor «Era uma vez», ao passo que das crianças de meio rural apenas três iniciam a narração desta forma, optando os restantes oito elementos do grupo por formas diversas tais como: «Os meninos estão jogando à bola, Estes meninos estão a brincar...»

2) *Análise conceptual do discurso*

Os resultados obtidos não apontam para diferenças significativas entre os dois grupos em qualquer das categorias consideradas: número total de conceitos, conceitos-chave, subconceitos e conceitos colaterais sendo nestes últimos que se nota uma certa tendência para uma utilização mais frequente por parte das crianças de meio rural.

DISCUSSÃO

Para além de variações dialectais evidentes (e. g. a utilização do gerúndio) nota-se que as crianças do meio urbano utilizam normalmente frases com maior sofis-

ticação sintáctica que as crianças de meio rural. No entanto essas diferenças linguísticas não se revelam determinantes quando passamos para o nível da «análise conceptual», donde não podemos inferir uma qualquer «inferioridade» cognitiva das crianças de meio rural face às crianças de meio urbano.

Não sabemos até que ponto as diferenças assinaladas poderão ter repercussões num contexto escolar, nomeadamente as que se referem à organização sintáctica das frases. Até que ponto as crianças do meio rural não serão penalizadas por este facto. Estas possíveis repercussões dependerão certamente de numerosos factores, tais como o tipo de ensino ministrado pelo professor, os seus critérios de avaliação, etc.